

REFLEXÕES SOBRE O LIMITE ENTRE PROTEÇÃO E PARTICIPAÇÃO DE CRIANÇAS NAS PRÁTICAS COM TICS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O ESTADO DA ARTE

Aunia Heyde Candy Dantas da Silva; Flávia Mendes de Andrade e Peres.

(Programa de pós-graduação em educação culturas e identidades - PPGECI - UFRPE/FUNDAJ - auniadantas@gmail.com; Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE - peres.flavia@gmail.com)

Resumo: Este artigo pretende refletir sobre o limite entre proteção e participação de crianças nas práticas educativas com Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) a partir de um estudo bibliográfico exploratório em que foi realizado uma busca no banco de dados de periódicos CAPES a partir de diferentes descritores relacionados sobre o uso das TICs na Educação Infantil, e o campo limítrofe entre a proteção das crianças baseada no rigor disciplinar, e a importância da participação social das mesmas. A partir do embasamento das perspectivas teóricas entre a Sociologia da Infância que pensa essa criança como agente social reprodutora de cultura a partir de seus pares e as discussões foucaultianas sobre poder-saber onde a escola toma o lugar de mantenedora do controle social de poder que se desdobram à educação. Será investigado o que diz a literatura na referida área. Justifica-se a relevância do tema, no sentido de que se aprofunda epistemologicamente a categoria geracional “nativos digitais”, a qual pode generalizar-se para usos meramente mercadológicos, e se enfatizam particularidades dos contextos escolares na contemporaneidade com impactos no desenvolvimento infantil. Sendo entendido como *nativo digital* aquele sujeito que se coloca de maneira diferente diante da construção do conhecimento a partir de sua forma de se relacionar com as TICs. Os resultados indicam que, apesar de existirem muitos trabalhos sobre o uso de TICs na Educação Infantil, quando a busca é feita a partir de qualquer relação entre os descritores, há uma lacuna a ser preenchida por estudos que aprofundem a discussão sobre as regras de uso das tecnologias e as motivações infantis para o uso das mesmas diante do controle institucional nas práticas escolares.

Palavras - chave: Infâncias; Tecnologias; Nativo digital.

INTRODUÇÃO

As mudanças vivenciadas na contemporaneidade abrem um espaço cada vez maior para as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), tornando necessária uma discussão sobre a utilização destas por sujeitos em fase inicial de formação em contextos escolares, pensando e vivenciando práticas sociais, maneiras de perceber o mundo e sua forma de lidar com o conhecimento.

Dessa forma, impõe-se à escola necessidades de acompanhar as mudanças paradigmáticas na sociedade, a partir de projetos e escolhas metodológicas que implicam um posicionamento sobre as TICs. O questionamento central do presente artigo diz respeito ao modo como a escola lida com as motivações das crianças na utilização de TICs em seus contextos.

O artigo será dividido em três partes, de modo que se inicia com as ideias de sujeito na Sociologia da Infância (CORSAIRO, 2011; MARCHI, 2009) e o que vem sendo discutido

sobre nativos digitais, expressão cunhada por Mark Prensky (2001). Em seguida, apresenta-se alguns modelos de escolas, orientadas pelas discussões sobre relações de poder, em Foucault (1987).

Na seção de metodologia, apresenta-se a forma como foi feito o levantamento e, a partir do que diz a literatura nos últimos 05 anos, discute-se os dados em reflexões que indicam implicações do modo como as escolas utilizam as TICs em seus espaços ao desenvolvimento infantil na contemporaneidade.

Trata-se de um estudo exploratório, de revisão bibliográfica, que visa à compreensão das práticas sociais escolares com uso de TICs, frente ao qual se pode indagar sobre as motivações infantis para tais usos. Acreditamos ser um estudo relevante por situar o território de pesquisas que vem sendo realizado sobre TICs na educação, particularmente na educação infantil, a fim de favorecer a compreensão sobre a vivência de crianças em escolas e suas ações frente a uma nova forma de se relacionar com o conhecimento, a partir das novas tecnologias.

O “NATIVO DIGITAL” À LUZ DA SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA

A partir da ascensão da utilização de Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) na contemporaneidade, as crianças, aqui entendidas como agentes sociais que também produzem cultura, cada vez mais, têm a possibilidade de acesso aos muitos artefatos tecnológicos existentes. Dessa forma é interessante tentar entender o modo como essa criança lida com essas ferramentas digitais e suas motivações para utilizá-las, à luz da Sociologia da infância (SI) e a compreensão dessa criança como uma possível *nativa digital*.

É interessante começar a reflexão discutindo a respeito da própria concepção de criança e infância assumida neste trabalho, sendo essa amparada pela SI, a qual pensa a criança como um sujeito socialmente ativo e construtor de cultura.

A SI segundo Marchi (2009) surge como campo de estudo em meados da década de 1960 e vem se consolidando no contexto científico internacional desde os anos 1980. No Brasil, nasce vinculada à Sociologia da Educação, principalmente pelo seu rompimento com os conceitos clássicos de infância, criança e socialização. A concepção geral é construída a partir da visão de criança como ator pleno de direitos e de infância como construção social.

A Antropologia da criança, representada aqui por Cohn (2005), chama a atenção para percebermos que essa infância é uma construção histórica e social inventada ao longo do tempo pelo ocidente, juntamente com mudanças na composição familiar. Segundo tais ideias,

pode haver em outros contextos socioculturais a não percepção da infância ou este período ser considerado com tempo reduzido.

A SI entende que as crianças afetam e são afetadas pela sociedade como um todo. Mesmo estando em uma posição socialmente subordinada em relação a outros grupos, são agentes sociais ativos que constroem e reconstróem a infância ao fazer parte da cultura geral. A infância é uma construção social, a partir de sua estrutura, e resultado das ações de pares com outras crianças e com adultos. Para compreender a infância sob essa perspectiva, é preciso estudá-la dentro de sua categoria geracional. (CORSARO, 2011).

A respeito da infância como categoria da estrutura social, Qvortup (2010) diz que a criança é tanto um período quanto uma categoria, ou parte da sociedade, como classe social que é capaz de influenciar a mesma como um todo. Mesmo que a criança passe pela infância por um tempo determinado, essa infância ainda continua como categoria permanente para a sociedade. Desse modo, essa concepção rompe como o modo de ver a criança em um âmbito individual, para perceber o desenvolvimento da infância.

A partir dessa concepção, para ser possível estudar e entender uma cultura como um todo, é preciso perceber também a concepção de criança que dada sociedade construiu. As vidas das crianças e dos adultos estão implicadas, pois ambas se produzem em uma cultura socialmente construída com a participação desses sujeitos. Em outras palavras, a criança passa a ser vista também como atuante na construção cultural.

Neste sentido, o conceito de reprodução interpretativa de Corsaro (2011) aponta para a criança como um agente social multidimensional que também influencia a sociedade e a formação de outras crianças do seu convívio, baseado no que o autor chama de “culturas infantis”.

A respeito das culturas infantis, esclarece: “Em primeiro lugar, as crianças são agentes sociais, ativos e criativos, que produzem suas próprias e exclusivas culturas infantis, enquanto, simultaneamente, contribuem para a produção das sociedades adultas.” (CORSARO, 2011, p.15).

As culturas infantis ou cultura de pares, para Corsaro (2011), são atividades, rotinas, artefatos que as crianças produzem de forma estável, sendo essas atividades produzidas fora do ambiente familiar a partir da interação de crianças que passam um tempo juntas quase todos os dias. O foco é colocado nas culturas entre os pares infantis produzidas e compartilhadas presencialmente, em seu cotidiano. A cultura é a garantia da participação das crianças na produção cultural mais ampla.

A perspectiva da reprodução interpretativa se interessa pela participação das crianças

na produção e reprodução da cultura e não pela mera internalização de modos de ser adulto. É por meio dessa reprodução cultural que as crianças fazem parte, se relacionam e influenciam o mundo adulto a partir de sua própria cultura, pois mesmo essas crianças tendo um papel ativo nas rotinas adultas, elas não tem condições cognitivas e emocionais para lidar com toda essa cultura dita adulta.

À criança é atribuída uma posição ativa perante não apenas a vida adulta como também a toda a cultura em que está inserida. Desse modo, a criança é capaz de não apenas internalizar, passivamente, o que lhe é proposto através da convivência com a sociedade, mas de reproduzir, ao dar continuidade à cultura de sua sociedade, e interpretar, dando sua contribuição para a mudança do que lhe é disponibilizado como conhecimento cultural.

Sobre essa forma de perceber a criança como produtora de cultura, Cohn (2005), mesmo sem usar o termo reprodução interpretativa, vai ao encontro ao sentido do termo usado por Corsaro (2011):

(...) as crianças não são apenas produzidas pelas culturas mas também produtoras de cultura. Elas elaboram sentidos para o mundo e suas experiências compartilhando plenamente de uma cultura. Esses sentidos têm uma particularidade, e não se confundem e nem podem ser reduzidos àqueles elaborados pelos adultos; as crianças têm autonomia cultural em relação aos adultos.(pág.35).

Trazendo essas reflexões para a compreensão de contextos informatizados na sociedade contemporânea, podemos refletir sobre a ideia de termo *nativo digital*, conceito elaborado por Prensky (2001). Esse termo remete àqueles sujeitos que mostram sinais de mudança em seu comportamento e modos de perceber o mundo devido a utilização de TICs desde muito pequenos. Em contraposição a esses sujeitos, foi designado o termo *imigrante digital*, diferente do nativo não necessariamente pela idade ou época de seu nascimento mas divergente pelo modo de contato com essas TICs.

Os nativos digitais, possuiriam a capacidade de realizar múltiplas tarefas, o que representa uma das características principais dessa geração. É formada, especialmente, por indivíduos que não se amedrontam diante dos desafios expostos pelas TICs e experimentam e vivenciam múltiplas possibilidades oferecidas por novos aparatos digitais. (PRENSKY, 2001). A respeito desse novo modo de perceber os artefatos digitais, Lévy (2010) indica novas formas de se relacionar e conviver, afetando diferentes dimensões da vida social:

O computador havia se tornado hoje um destes dispositivos técnicos pelos quais percebemos o mundo, e isto não apenas em um plano empírico (todos os fenômenos apreendidos graças aos cálculos, perceptíveis na tela, ou traduzidos em listagens pela máquina), mas também em um plano transcendental hoje em dia, pois, hoje, cada vez mais concebemos o social, os seres vivos ou os processos cognitivos através de uma matriz de leitura informática.(pág.15).

Nessa direção, Prensky (2001) defende que o novo modo de ser a partir do uso das TICs interfere também na relação dos alunos com o conhecimento, o professor e a escola. Atualmente os alunos, a partir do grande volume de interação com a tecnologia, processariam as informações de forma diferente, se comparados a outras gerações passadas. A escola, em seu papel de apenas informar, sem estar a par das novas tecnologias, iria perdendo a atenção dos alunos, que não se adaptam aos padrões tradicionais de sala de aula.

Embora sejam interessantes as considerações de Lévy (2010) e Prensky (2001), quando refletidas a partir da perspectiva da SI, a ideia geracional com características marcadas, sem uma co-construção cultural entre criança e mundo, pode não dar conta de um processo em devir, cujas transformações estão em constante processo.

Com transformações no modo como os contextos vêm se reorganizando por meio de artefatos digitais, e como os sujeitos interagem com o conhecimento, as escolas são convocadas a repensar seu próprio processo de ensino-aprendizagem, não apenas ao introduzir ferramentas tecnológicas, mas abrir-se aos modos como os alunos interagem com o conhecimento. O *nativo digital*, como construtor de sua própria aprendizagem, pode oferecer elementos para a escola repensar suas práticas e transformar suas relações com o conhecimento.

A forma como entendemos a criança, como sujeito que tem motivações para participar de uma cultura carregada de significados e artefatos digitais, e sobre os quais são impostas formas disciplinares de ação, de controle e práticas de uso em contextos escolares, desde a Educação Infantil abre-se para um objetivo de pesquisa: Compreender as motivações das crianças para o uso de TICs em contexto de educação infantil. Na seção seguinte, reflete-se sobre as ideias de Foucault que dialogam com a escola como instituição disciplinar.

A INSTITUIÇÃO DISCIPLINAR ESCOLAR À LUZ DE FOUCAULT

A respeito das formas impostas de disciplina de ação e controle das práticas colocadas pelas instituições escolares, e que perpassam o uso das TICs pelas crianças na Educação

Infantil e no contexto discutido neste artigo, Foucault (VEIGA-NETO, 2016) nos possibilita um olhar para as micro-relações de poder que se estabelecem nas práticas escolares. Pode-se perceber a escola como um lugar de controle social e, dessa forma, um campo de estudos abre-se para tratar da relação de poder que se estabelece nas suas práticas cotidianas, que implicam utilização e restrição ao uso de TICs em seus espaços.

Para tal reflexão, Foucault (1987) nos chega assim como um instaurador de discursividade, cuja função autor reativa e renova os ditos e escritos sobre TICs na educação infantil e sobre os posicionamentos escolares frente ao uso de TICs nesse nível do ensino. Centralizamos as reflexões sobre o poder como elemento explicativo de como os saberes são produzidos e como nos constituímos na relação poder-saber. Se olhamos para as instituições escolares e seus modos de transformação que são aplicados em suas práticas, bem como os arranjos e artefatos pedagógicos que instituem sujeitos, pode-se atentar para os lugares onde micro poderes se exercem e distribuem, entendendo também como é possível haver positividade no poder, ou seja, há a possibilidade de produzir-se algo novo nas relações, e não apenas reproduzir de modo submisso.

Para além da reprodução, há nas relações de poderes a produção de um determinado tipo de sociedade, relações estas que podem ser entendidas como sistemas circunscritos historicamente.

Com lentes de Foucault (1987), percebe-se diferentes microinstrumentos para compreender os fios que organizam as práticas escolares com usos de TICs, suas reciprocidades e inter-relações entre enunciados. Os enunciados vistos dessa perspectiva são entendidos como mecanismos ou tecnologias políticas, com poderes de manejar espaços, tempos e registros de informações, sendo unificados pela hierarquia.

A hierarquia nas relações escolares como um todo e nas relações da educação infantil, em particular, pode ser vista na relação adulto-criança e nas diferentes formas como à criança é realçada a participação no processo escolar, minimizando ou favorecendo tal participação. O poder não estaria resumido às regras explícitas do funcionamento da escola, para a educação infantil, mas em todo o processo de constituição das subjetividades nas práticas situadas em que as crianças utilizam artefatos tecnológicos típicos de seu tempo.

Cotidianamente, e de forma múltipla, a dominação e o poder são exercidos, e importamos, para o tratamento da questão aqui posta, sobre os modos de organização de práticas escolares com uso de TICs, sabendo-se que esses mecanismos são em sua maior parte

opressores, mas também criadores, e justificando a fórmula: toda relação de poder é acompanhada da criação de saber e vice-versa.

Exemplo situado de biopoderes nas instituições escolares podem ser pensados nas regras de uso de TICs em seus espaços, em projetos e práticas que orientam esse uso e também em todas as relações do espaço circunscritas na instituição disciplinar que é a escola moderna. O poder não está portanto resumido às interdições, proibições, leis que limitariam sua compreensão, mas enraizado.

Sabemos que há diversas formas de organização dos espaços escolares, e também, nesses espaços, diversas orientações sobre uso de TICs. Sobre essas orientações, sabe-se que existem pólos opostos, de um lado propostas pedagógicas e ações que efetivam uso intensificado, advogando os benefícios das TICs para o desenvolvimento dos sujeitos contemporâneos e suas relações com saber; e de outro, escolas que não concordam com a utilização de TICs para aprendizagem, na educação infantil, e criam mecanismos contrário a seu uso nos espaços escolares.

Neste artigo, é realizado um levantamento bibliográfico, para conhecer melhor o que tem sido realizado em pesquisas sobre o tema, e para relacionar os trabalhos na área com a SI e as relações de poder em seus espaços institucionais. A forma como esse levantamento da literatura na área foi realizado e analisado será descrito na metodologia, na seção seguinte.

METODOLOGIA

O trabalho aqui apresentado é uma pesquisa exploratória, bibliográfica, que busca relacionar as ideias orientadoras das práticas escolares com o uso de TICs e possíveis implicações desses modelos para o desenvolvimento infantil, considerando as ideias da Sociologia da Infância e as regras impostas pela escola pensadas a partir dos escritos de Foucault (1987).

A pesquisa foi realizada no Portal de Periódico da CAPES (www.periodicos.capes.gov.br), como banco de dados. Para recorte inicial, decidiu-se analisar as produções sobre a temática TICs na educação infantil, em língua portuguesa, considerando os últimos cinco anos. A seguinte combinação de descritores foi realizada para efetivação da pesquisa, por qualquer relação entre os temas seja ele por título, assunto ou autor: “tecnologia” e “educação infantil”; “tecnologia” e “infância”, “tecnologia” e “criança”, “nativos digitais” e “educação”; “tecnologia e “sociologia da infância”; “tecnologia” e “Foucault”.

A partir da realização da pesquisa, a partir de qualquer relação entre os descritores, foram encontrados 2.718 artigos, dos quais, foram lidos todos os resumos e selecionado 01, que dialoga mais diretamente com a temática em foco. Caracterizada como etapa inicial de um trabalho científico ou acadêmico, a pesquisa aqui desenvolvida tem o objetivo de reunir informações e dados que servirão de base para a delimitação da investigação proposta, a partir da temática das TICs na educação infantil. (GONSALVES, 2001; GIL, 2007). A pesquisa bibliográfica aqui efetivada possibilitou a situação de um território atual de discussões, dando base sobre o estado da arte do conhecimento disponibilizado sobre o tema abordado, de modo a possibilitar uma visão de autores sobre as relações entre educação infantil e uso de TICs.

Para a análise dos dados, utilizamos como método uma análise quantitativa-qualitativa, esta última focalizando no discurso, orientada pelo dialogismo bakhtiniano (BAKHTIN, 2003). Após a leitura dos resumos, foi possível inferir diferentes vozes sobre modelos de organização de práticas pedagógicas com uso de TICs, e o lugar conferido às crianças no processo. O artigo que dialogava mais diretamente com a questão norteadora deste trabalho foi lido inteiramente, destacando-se apenas 01 artigo. Esse detalhamento será abordado na seção seguinte.

ANÁLISES E DISCUSSÕES

A partir da busca no Portal de Periódicos da Capes, como banco de dados, a fim de encontrar escritos que fazem qualquer tipo de relação entre Educação Infantil, o uso das TICs e as práticas educacionais de controle, foi possível encontrar os números descritos na tabela abaixo a partir da pesquisa por qualquer relação entre os descritores (Tabela 1):

Tabela 1: Descritores por qualquer relação

DESCRITORES - Por qualquer relação	NÚMERO DE TRABALHOS ENCONTRADOS NOS ÚLTIMOS 05 ANOS
Tecnologia e Educação Infantil	128
Tecnologia e infância	1.062
Tecnologia e criança	632
Nativos digitais e educação	24
Tecnologia e Sociologia da infância	13
Tecnologia e Foucault	859

Fonte: Banco de dados de periódicos CAPES.

A partir da análise quantitativa, na busca descrita acima, é possível perceber um grande número de escritos a respeito da temática interdisciplinar que envolve tecnologia, crianças, educação infantil e infância.

No entanto, o discurso nesses escritos não dialoga diretamente com as práticas de controle no contexto escolar ou discussões sobre a participação das crianças em suas culturas de pares, em contextos contemporâneos com TICs. Assim, não utilizam os enunciados em um diálogo com nosso objeto de estudo, ou como de fato temos interesse em observar em nossa pesquisa, que é analisar as motivações das crianças nos usos das TICs mediante as regras impostas pela instituição escolar. Isso porque, quando afinamos a busca por assunto, e o resultado dos descritores se apresenta de maneira bastante diferente do anterior, indicando pouca produção científica com a temática discutida neste artigo (Tabela 2):

Tabela 2: Descritores por assunto

DESCRITORES - Por assunto	NÚMERO DE RESULTADO NOS ÚLTIMOS CINCO ANOS
Tecnologia e Educação Infantil	01
Tecnologia e infância	02
Tecnologia e criança	04
Nativos digitais e educação	04
Tecnologia e Sociologia da Infância	00
Tecnologia e Foucault	01

Fonte: Banco de dados de periódicos CAPES.

Com um aprofundamento qualitativo, ao analisar os artigos que se referem a busca por “Tecnologia e Sociologia da Infância”, com qualquer relação, diante dos 13 artigos encontrados com esses descritores, apenas 01 dialoga em relação direta com vozes sobre o uso de TICs e a Sociologia da Infância. No mesmo, intitulado “Crianças e games na escola: entre paisagens e práticas”, de Mônica Fantini (2015), é possível encontrar vozes a respeito dos elementos comuns dos jogos e as especificidades dos games diante das novas práticas na cultura digital. Seu embasamento teórico quanto a infância traz as vozes da SI, que como vimos, entende a criança como ator social, capaz de reconstruir a cultura do adulto a partir de seus pares. Essa criança é vista como categoria e construção social (PROUT, 2005; SARMENTO, 2007; BELLONI, 2010; SIROTA, 2010; CORSARO, 2011).

Um outro ponto a ser analisado a respeito do artigo de Fantini (2015) é que, assim como Prensky (2001) discute a respeito dos *nativos digitais* e sua nova relação com a escola a partir das mudanças vivenciadas pelo uso das TICs, Fantini (2015), mesmo sem enunciar o termo *nativo digital*, dialoga com a ideia de como a escola precisa repensar seus modos de relação com o processo de ensino-aprendizagem, porque hoje a criança já não seria mais a mesma, entendendo-a como produtora de conhecimentos postados e compartilhados em rede a partir do ciberespaço. Dialoga, portanto, com vozes que apontam para um interesse da criança para utilizar tecnologias, tal interesse não sendo perpassado apenas pelas relações com as TICs, mas sim com interações com outras crianças.

No entanto, no artigo de Fantini (2015) não há discussão a respeito das formas como a escola impõe suas regras para o uso das TICs, como prática educacional. Os artigos selecionados para o descritor “Tecnologia e Foucault” também não organiza seus enunciados nessa direção. Isso nos remete a indicar que há uma multiplicidade de vozes buscando compreender as relações entre TICs em contextos educacionais, mas uma ausência de discussões sobre regras escolares e imposições nas práticas de uso de TICs. Não foram encontrados, no banco de dados da CAPES, escritos que dialoguem diretamente com a discussão que trazemos no presente artigo: a motivação para o uso de TICs por crianças na Educação Infantil a partir das regras impostas pela escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das reflexões advindas do presente artigo, é possível lançar luzes sobre o estado da arte a respeito das TICs na Educação Infantil, com descritores em português. Baseada em uma concepção de infância na contemporaneidade como criadora e recriadora de cultura, e suas relações com artefatos típicos de contextos informatizados, relacionamos os estudos da área com as luzes da SI e de Foucault.

O levantamento bibliográfico indica que há muitas produções a respeito das TICs e a educação de crianças, quando a busca é feita a partir de qualquer relação entre os descritivos em língua portuguesa, referentes à temática. No entanto, quando a pesquisa é feita a partir de critérios mais elaborados, é possível perceber que há uma lacuna nesses estudos, com abertura a novos escritos. Esta lacuna diz respeito à compreensão das regras de uso das TICs nas práticas escolares mediante a percepção dessa infância como participante da sociedade.

Em outras palavras, as vozes que orientam as discussões sobre práticas na Educação Infantil com uso de TICs organizam-se nos periódicos de modo polifônico, com muitos trabalhos enfocando aspectos diferentes da questão.

Nesse contexto, a presente pesquisa indica uma necessidade de estudos na área que objetivem refletir sobre as relações entre as regras de controle nas práticas com tecnologias na educação infantil, e as relações com as motivações infantis diante dessas práticas, já que este foco específico é uma lacuna nos estudos na área.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BELLONI, M. L. **Crianças e mídias no Brasil**. Campinas: Papyrus, 2010.
- COHN, C. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 2005.
- CORSARO, W. **Sociologia da infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- FANTINI, M. (2015). Crianças e games na escola: entre paisagens e práticas. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, 13 (1), pp. 195-208.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- GONSALVES, E.P. **Iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Alínea, 2001.
- GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2007.
- LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2010.
- MARCHI, R. C. As teorias da socialização e o novo paradigma para os estudos sociais da infância. **Educação e realidade**, v. 34, n. 1, p. 227-246, 2009.
- PRENSKY, M. Digital Native, digital immigrants. Digital Native immigrants. **On the horizon, MCB University Press**, Vol. 9, N.5, October, 2001. Disponível em: <<http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>>. Acesso em: 12 de outubro de 2017.
- PROUT, A. **The future of childhood: towards the interdisciplinarity study of children**. London: Routledge Falmer, 2005.

QVORTRUP, J. A infância como categoria estrutural. **Educação e pesquisa**, v. 36, n. 2, p. 632-643, 2010.

SARMENTO, M. J. (2007). **Visibilidade social e estudo da infância**. In V. M. R. Vasconcelos & M. J. Sarmiento, (orgs.) *Infância (in) visível*, (pp. 25-49). Araraquara: Junqueira Marin.

SIROTA, R. A indeterminação das fronteiras da idade. **Perspectiva**, 25, pp. 41-56, 2007

VEIGA-NETO, A. **Foucault e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.